



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 23/09/2021 | Aprovação: 13/02/2022

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/11032>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i27.11032>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 27 | Dez, 2022, pp. 149-165.



A CULPA COMO REVERSO: A DESRESPONSABILIZAÇÃO DO ESTADO COM AS VÍTIMAS DA DITADURA MILITAR EM K. RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES, DE BERNARDO KUCINSKI

FAULT AS REVERSE: THE STATE'S DERESPONSIBILITY FOR THE VICTIMS OF THE MILITARY DICTATORSHIP IN BERNARDO KUCINSKI'S K. RELATO DE UMA BUSCA AND OS VISITANTES

Lizandro Carlos CALEGARI  

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)¹

Sandra de Fátima KALINOSKI 

Instituto Federal Farroupilha – Frederico Westphalen (IFFar-FW, RS)²

Resumo: Este trabalho visa a analisar o sentimento de culpa nas obras *K. Relato de uma busca* (2011) e *Os visitantes* (2016), de Bernardo Kucinski. O primeiro livro aborda a saga de um pai em busca do paradeiro da filha, Ana Rosa, provavelmente assassinada por torturadores durante a Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil. O segundo consiste na retomada e na revisão de certos pontos de vista apresentados no primeiro texto a partir de leitores que visitam o autor e o interpelam. Nota-se, em diversas passagens dos livros, que o pai, vítima da brutalidade do sistema ditatorial, sente-se culpado pela morte da filha, enquanto que o Estado age violentamente, inclusive, confessando certos crimes, sem ser punido nem responsabilizado pelos seus atos. Trata-se de livros que promovem reflexão sobre o poder violento e arbitrário exercido pelo Estado tanto no passado quanto no presente, estimulando, pois, resistência ao autoritarismo histórico e socialmente implantado na sociedade brasileira. Para o embasamento desta proposta, levam-se em conta pressupostos teóricos de Sigmund Freud, Cathy Caruth, Giorgio Agamben e Márcio Seligmann-Silva.

Palavras-chave: Bernardo Kucinski. Testemunho. Ditadura Militar. Culpa. Autoritarismo.

Abstract: *This work aims at analyzing the feeling of fault in Bernardo Kucinski's K. Relato de uma busca (2011) and Os visitantes (2016). The first book deals with the saga of a father in search of his daughter, Ana Rosa, who was probably murdered by torturers during the 1964-1985 Brazilian Military Dictatorship. The second one consists of revising and correcting certain points of view presented in the first text by readers who visited the author and questioned him. It is noted, in several passages of the books, that the father, victim of the brutality of the dictatorial system, feels guilty for the death of his daughter, while the State acts violently, even confessing certain crimes, without being punished or held responsible for its atrocities. These are books which promote reflection on the violent and arbitrary power exercised by the State both in the past and in the present time. Thus, they stimulate resistance to the authoritarianism historically and socially implanted in Brazil. Sigmund Freud, Cathy Caruth, Giorgio Agamben, and Márcio Seligmann-Silva are the main authors who underscore the present approach.*

Keywords: *Bernardo Kucinski. Testimony. Military Dictatorship. Fault. Authoritarianism.*

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). É professor de Literatura no PPGL (Mestrado/Doutorado) da UFSM. *E-mail:* lizandro.calegari@ufsm.br.

² Doutora em Letras pela UFSM. Atua como Técnica Administrativa em Educação no Instituto Federal Farroupilha, Campus de Frederico Westphalen (IFFar-FW, RS). *E-mail:* sandra.kalinoski@iffarroupilha.edu.br.

INTRODUÇÃO

Embora tenham se passado mais de 35 anos do término oficial da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), não é exagero afirmar que o evento ainda atinge, de alguma forma, a sociedade, principalmente, aqueles que viveram aquele período. Se, por um lado, há uma parcela que reivindica o seu retorno, por outro, há aqueles que repudiam veementemente a sua volta, haja vista os danos causados e os traumas proporcionados. Muitos foram vítimas da ditadura, porque se colocaram contra ela. A violência atingiu não somente aqueles militantes mais diretamente envolvidos com movimentos de resistência, mas alcançou também os seus familiares, deixando cicatrizes inapagáveis em seus opositores. Como se não bastasse isso, o Estado ainda não conseguiu reparar seus “erros” em relação às atrocidades cometidas contra aquela parcela da sociedade que se opôs ao sistema autoritário implantado. O discurso daqueles que defendem a ditadura ou mesmo o seu regresso, no momento presente, tem conseguido, quando não negar, ainda que parcialmente, o que aconteceu, pelo menos, distorcer muitos fatos.

150

Todavia, se a justiça e a própria história, por motivos diversos, não dispõem de estratégias para tratar da questão ditatorial brasileira no que se refere à versão da história contada sob a perspectiva dos vencidos – daqueles desaparecidos, daqueles que foram torturados, exilados ou, ainda, pela ótica daqueles que perderam seus amigos, familiares, pais, filhos, irmãos para a violência do Estado autoritário –, uma parte da arte irá acolher e dar voz a essas versões traumáticas da história. O teatro, a música, o cinema, as artes plásticas e a literatura têm constituído espaço para muitos indivíduos levarem ao público suas versões sobre os acontecimentos e suas experiências com a Ditadura Militar. Foi assim durante o período ditatorial e é assim na atualidade, na medida em que se observa que, após meio século, a arte – em particular, a literatura – ainda se configura como um *locus* de resistência diante das constantes estratégias de silenciamento e de apagamento dessa parcela da história brasileira.

K. Relato de uma busca e Os visitantes, ambos de Bernardo Kucinski, são exemplares no sentido de tratarem sobre a ditadura do ponto de vista de quem foi vítima do sistema opressor então em curso. O primeiro tem sido considerado um dos livros mais importantes da atualidade no âmbito da Literatura Brasileira, dada a sua significativa repercussão, tanto nacional quanto internacional, desde que foi publicado pela primeira vez em 2011. Ele aborda a tragédia familiar que assolou a família do escritor durante o período ditatorial, referindo-se ao desaparecimento de Ana Rosa Kucinski e do marido dessa, Wilson Silva, vítimas da repressão. A segunda obra, que veio a público

em 2016, retoma aspectos referentes às questões do desaparecimento, já discutidas na primeira, porém, se, em *K.*³, o protagonismo da obra recai sobre um pai desesperado que procura incansavelmente a filha, em *Os visitantes*, é o próprio autor que se coloca numa situação de protagonismo e, num tom bastante reflexivo, a partir da sequência de visitas que recebe em sua casa, retoma aspectos expostos no primeiro livro e se indaga sobre pontos referentes ao desaparecimento da irmã.

Assim, diante desse vínculo entre as obras, percebe-se um comprometimento por parte do autor não apenas quanto ao registro do testemunho de uma época e de uma situação crítica particular – o desaparecimento de sua irmã e de seu cunhado –, como também quanto ao fato de que tal testemunho possa favorecer, no presente, uma maior proximidade com os eventos do passado. Ou seja, uma vez que *Os visitantes* aborda a possibilidade de revisão de informações, de correções e de atualizações das versões apresentadas em *K. Relato de uma busca*, ela insinua e projeta, justamente porque há um espaço de tempo entre elas, a urgência de um pensamento reflexivo, atento e voltado para a necessidade de atualização constante da história e dos acontecimentos.

Trata-se de livros que apresentam elementos característicos do testemunho tanto devido à sua forma quanto ao seu conteúdo. Em relação ao primeiro item, pode-se dizer que, no conjunto, tanto *K.* quanto *Os visitantes* são relatos fragmentados porque são constituídos de capítulos que podem ser lidos como contos e porque não exigem sequencialidade. São capítulos relativamente autônomos que, por vezes, não nomeiam explicitamente seus personagens nem situam com precisão os fatos dentro do todo, e, por isso, requerem a participação ativa dos leitores no estabelecimento de relações. No que tange ao tema, são narrativas calcadas num evento traumático, porque envolvem o assassinato de dois militantes em circunstâncias presumivelmente violentas de cujos corpos se desconhece o paradeiro. Além disso, ao resgatarem um acontecimento traumático pertencente à memória individual, as obras realizam um trabalho de recuperação da memória coletiva da sociedade, uma vez que o episódio de desaparecimento não atingiu apenas a família Kucinski, mas muitos outros envolvidos.

O fato de se tratar de obras testemunhais é importante aqui. A literatura de testemunho surgiu devido ao excesso de violência observado no século XX, principalmente em virtude da Primeira e da Segunda Guerra Mundial e da Shoah, mas também por conta das diversas ditaduras, em particular, daquelas que eclodiram na América Latina. Situada no vértice entre a ficção e a história,

³ No decorrer deste trabalho, por vezes, usou-se tão somente *K.* para se referir à obra *K. Relato de uma busca*, de 2016, em sua 4ª edição.

a literatura de testemunho traz o registro de horror de quem foi vítima direta ou indireta de perseguições, torturas, prisões e execuções. Marcadas pelo trauma, as vítimas decidem narrar suas histórias e, uma vez que não se trata de relatos escritos do ponto de vista dos vencedores, eles constituem uma contra-história e, conseqüentemente, uma memória dos excluídos, visando à denúncia e à busca de justiça. *K. e Os visitantes* são relatos testemunhais, uma vez que se voltam para a repressão da Ditadura Militar brasileira, transformando em narrativa o episódio traumático que devastou a família Kucinski. São obras que realizam um trabalho de denúncia e crítica em relação às arbitrariedades do governo daquele período, bem como problematizam a realidade experimentada por aqueles que, de repente, viram-se impotentes diante de uma situação traumática, como o desaparecimento de um familiar.

K. Relato de uma busca e Os visitantes surgiram bastante tempo depois do término oficial da Ditadura Militar no Brasil. Isso se deve ao fato de que há uma necessidade de retorno a um passado que se deseja concluído, acabado, por parte da elite. Além disso, uma vez que se trata de um passado agônico, marcado por perdas trágicas e inexplicáveis, o trauma do evento retorna ao presente, exigindo alguma resposta ou reparação. Assim, os livros de Kucinski, ao se debaterem na busca de uma possível explicação para o que aconteceu com Ana Rosa e Wilson, revelam uma face autoritária do Brasil. Aquela parcela do poder que protagonizou o surgimento e a implantação da ditadura não só vitimou de forma violenta muitos de seus opositores, como também elaborou um discurso que desresponsabilizou a si mesma das brutalidades cometidas. Assim, a culpa pelos crimes, assassinatos e homicídios nem sempre recai sobre os torturadores e os seus mandatários; por vezes, ou muitas vezes, incide sobre as próprias vítimas. Nos livros de Kucinski, o fato de o pai não receber ajuda do Estado para descobrir o paradeiro de sua filha consiste numa face perversa do poder que se omite na busca da verdade – seja ela qual for.

Com isso, muitas vezes, o Estado não quer assumir a culpa que recai sobre seus ombros pelas atrocidades praticadas no passado. *K. Relato de uma busca e Os visitantes* trazem situações em que se verifica o reverso da culpa, isto é, o narrador e o autor não se apresentam, muitas vezes, tão somente como vítimas dos abusos do passado, mas também como se fossem responsáveis pelas dores que carregam devido às perdas e aos traumas desse passado. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é justamente analisar situações em que o pai de Ana Rosa se sente culpado tanto pelo sumiço da filha quanto pela sua suposta morte. Na medida em que as obras de Kucinski representam esse aspecto, elas revelam as diversas estratégias utilizadas pelo Estado e pelo poder para se desresponsabilizar dos crimes cometidos no passado e no presente.

A CULPA COMO REVERSO EM *K. RELATO DE UMA BUSCA E OS VISITANTES*

Ao se conhecer um pouco mais a história do protagonista, bem como os acontecimentos traumáticos que já povoavam sua memória, torna-se possível olhar com mais compreensão para a carga de culpa que é carregada por K⁴. Esse sentimento de culpa, desenvolvido pelo sujeito que passou por uma situação extrema, mas que sobreviveu, enquanto que pessoas próximas a si não tiveram o mesmo destino, pode ser observado no personagem K., ao fazer referência à sua vida na Polônia. Durante a Segunda Guerra, ele conseguiu fugir para outro país, diferentemente de tantos outros que não tiveram a mesma sorte, como a sua irmã, que acabou sendo presa e assassinada pelos nazistas. No momento presente, por sua vez, a culpa é sentida porque percebe que não conseguiu proteger a filha, nem foi capaz de salvá-la da tragédia ocorrida. Da mesma forma, embora menos evidentes, nuances de uma culpa bastante velada habitam o narrador/ autor Bernardo Kucinski em relação ao desaparecimento da irmã.

Nessa perspectiva, enquanto, em *K. Relato de uma busca*, observa-se um pai desolado que “somava mais culpas à sua culpa” (KUCINSKI, 2016a, p. 44), em *Os visitantes*, o legado da culpa é repassado, embora muito sutilmente abordado, ao narrador. É o que se pode observar no capítulo “Admoestação”, que trata da aparição, em sonho, do protagonista de *K.* – o pai de Ana Rosa e de Bernardo Kucinski –, depois de morto, ao narrador, para cobrar notícias do paradeiro da filha. Nesse sonho, o pai o acusa pelo distanciamento que manteve da família durante os anos em que viveu na Inglaterra, enquanto “aqui assassinavam pessoas. Inventavam que eram atropeladas” (KUCINSKI, 2016b, p. 23). A acusação é ficcional, porém a menção ao fato de que o narrador viveu na Inglaterra, entre os anos 1971 e 1974, é real. Tal atitude, realizada por Bernardo Kucinski (assim como por outros indivíduos que se sentiam ameaçados), ficou conhecida inclusive como “exílio voluntário” e, no caso dele, aconteceu porque, na época da ditadura brasileira, ele, enquanto jornalista da *Veja*, participou de várias reportagens sobre prisões e torturas que estavam acontecendo no país. Frente a isso, sentindo que corria perigo, optou por mudar-se para a Inglaterra a fim de acompanhar a esposa no seu curso de doutorado.

Diante dessa realidade, no episódio do sonho, se entrevê, pelas palavras do pai, um tom repreensivo quanto à omissão do filho diante do desaparecimento de Ana Rosa. As acusações do pai, realizadas em sonho, podem ser vistas como a representação da continuidade da necessidade de se achar um culpado para o desaparecimento não resolvido até então. Ou seja, enquanto o

⁴ A letra “K”, sem itálico, servirá para marcar a referência ao personagem K. da obra *K. Relato de uma busca*, que assim é denominado ao longo da narrativa.

verdadeiro culpado ou os responsáveis pelo acontecido não aparecem para assumir a culpa que lhes é devida, fica no inconsciente dos familiares e de amigos próximos o sentimento de que cada um tem sua parcela de culpa diante da tragédia. Ao se analisar o excerto a seguir, observa-se como o protagonista de *K.*, o pai de Ana Rosa, dirige-se ao filho, Bernardo Kucinski, cobrando-o e culpando-o pela tragédia:

Você diz no seu livro que eu a ignorava, foi você quem a ignorou. [...] Só queria escrever belas reportagens! Onde você estava com a cabeça?! Eu não sabia que ela havia se casado com um militante, mas você sabia, você o conhecia, sabia que era um dirigente e não se preocupou com o risco que ela corria! Como isso foi possível? Você é o culpado, o único culpado! (KUCINSKI, 2016b, p. 23)

As acusações do pai poderiam ser lidas à luz de uma crítica direcionada ao Estado, que não assume seu “erro” do passado, tampouco responsabiliza os verdadeiros culpados. Frente a isso, culpar-se ou transferir a culpa ao filho seria uma forma de talvez colocar um fim ao acontecimento, mesmo que eles soubessem que o caso não havia sido completamente encerrado. É uma busca pela compreensão e assimilação em torno de um acontecimento que, por si só, devido à excepcionalidade que o envolve, não permite compreensão, pois é originado no abalo traumático.

154

Essa alusão ao sonho também já havia sido feita em *K.* no capítulo “Baixada fluminense, pesadelo”, na ocasião em que o narrador relata um sonho que teve o protagonista da obra, após um extenso dia de procura pela filha, na época do sumiço, depois de ter visitado um terreno abandonado na Baixada Fluminense, onde, segundo denúncia de uma jornalista da época, “havia sido enterrados presos políticos desaparecidos” (KUCINSKI, 2016a, p. 91). Todavia, ao se deparar com o terreno, “K. estranhou o solo duro, empedrado, mal aceitando uns poucos tufos de tiririca e capim-barba-de-bode sujos e desbotados. Nenhum sinal de terra revolvida” (KUCINSKI, 2016a, p. 91), diante do que ele se deu conta de estar sendo vítima de mais uma manobra do sistema para fazê-lo desistir da busca. Perante a frustração de mais uma informação falsa, naquela noite, K. sonha que estava sozinho, “cavoucando, cavoucando” (KUCINSKI, 2016a, p. 92), sem parar, um grande buraco, que cada vez ficava mais fundo e que logo se transformou numa cova, “e ele lá no fundo, e todos olhando para ele” (KUCINSKI, 2016a, p. 92).

Essa imagem pode ilustrar o descaso das autoridades bem como da sociedade em relação aos desaparecimentos da época. Tanto é que K. vai sozinho até o terreno para verificar a informação, não avisa nem chama nenhum órgão responsável para o acompanhar, pois já estava descrente de que alguém o poderia ajudar. Nesse sentido, o que acontece, através do sonho, é tanto um retorno ao local, como ao motivo pelo qual ele se dirigiu até lá: a incansável procura pela filha. Dessa

forma, embora consciente de que, embaixo daquela terra seca, não poderia haver nada, ao constatar o chão batido durante o dia, no sonho, ele se põe a cavar, a buscar, o que pode ser entendido como uma luta do seu inconsciente (continuar procurando, cavando) em relação à sua decisão consciente (de que ali não poderia haver nada), que encontra no sonho espaço para manifestar-se, uma vez que é reprimido conscientemente pela razão:

quando a pá bateu numa pedra e debaixo dela saiu uma cobra e ele a matou de um golpe só, antes de ela dar o bote; e logo ele já estava fora do poço e, embora não tivesse sido picado pela cobra, sentia calafrios, como se estivesse doente ou febril; e não havia mais ninguém, todos haviam sumido, só estava lá uma mocinha mulata com uma criança no colo, e essa mocinha era a empregadinha que ele havia contratado muito antigamente, [...], para cuidar da filha quando a mulher ficou mal, com as notícias da guerra [...]. (KUCINSKI, 2016a, p. 92-93)

O sonho também faz com que K. retorne às cenas do início da construção de sua vida no Brasil, quando é enganado por um vendedor e compra um terreno num brejo alagado. Lembra-se de que, numa ocasião no passado, havia matado três cobras lá e, pelo fato de o terreno ser alagado, acabou pegando a “maldita maleita” (KUCINSKI, 2016a, p. 93), e que isso havia acontecido na mesma época em que a mulher ficou doente, depressiva, e sua filha, com apenas três anos de idade na época, fora praticamente criada pela empregada. Assim, no seu sonho, a imagem da empregada retorna trazendo

uma criança no colo e K. estende as duas mãos para pegar a criança, e ele nem sabe como pegar porque nunca havia feito isso, mas estende as duas mãos e pega assim por baixo, e traz a criança para si, e quando olha a criança está sorrindo, é um bebê, mas o rosto é da sua filha. (KUCINSKI, 2016a, p. 94)

Com essa cena, encerra-se o capítulo do sonho de K., cuja última menção é sobre a filha, de modo que a situação retratada pela imagem da empregada lhe entregando a criança, que tem o rosto de sua filha, faz pensar na fixação do protagonista na busca pela desaparecida e no abalo psicológico que o acometia. Nessa perspectiva, as imagens retratadas através do sonho dizem muito sobre a realidade na qual ele se inseria: o desaparecimento da filha e as infrutíferas buscas. Tais situações permaneciam arraigadas à mente do protagonista, bloqueando qualquer possibilidade de continuidade da vida sem que antes ele solucionasse esse capítulo pendente. Era como se a vida tivesse parado no momento em que ele se deu conta do desaparecimento da filha, e o fato de o sonho lhe trazer imagens do passado e da filha representa a ação do inconsciente numa tentativa de resolver o que ainda permanecia sem solução e, vale dizer, sem compreensão.

Esse retorno à situação do abalo, mesmo em sonho, é a manifestação de um sintoma do contato com o “real” traumático que surge para lembrar que algo ainda não foi compreendido, o

que Sigmund Freud (2018), em seu ensaio “Além do princípio de prazer”, de 1920, já observava como sendo “uma prova da força da impressão deixada por essa vivência. O paciente estaria fixado psicologicamente no trauma” (FREUD, 2018, p. 53). Nesse sentido, o retorno à cena do trauma, seja ele através da repetição de ações ou através de imagens oníricas, como no exemplo de K., é visto como um modo de o inconsciente trazer ao nível do consciente aquilo que ainda está incompreendido, pois ele entende que, se está incompreendido, é sinal de uma ação não terminada. Logo, o retorno implica a tentativa de conclusão da ação suspensa.

Ao representar essa problemática que envolve o sujeito traumatizado, o relato do sonho ainda pode ser visto como uma reflexão, mesmo que inconsciente, do protagonista, na medida em que fica evidente o sentimento de culpa que o relato transmite. O sonho remexe na ferida aberta pelo trauma devido à perda de sua filha, mas também evoca um profundo sentimento de culpa diante do ocorrido, algo que o faz refletir sobre todo o seu passado de distanciamento em relação a ela. Então, ele se culpa por ter sido um pai muitas vezes ausente e relapso e por não ter acompanhado mais de perto o caminho da filha. O fato de não saber como pegar o bebê, no sonho, insinua sua falta de habilidade como pai, fazendo pensar sobre o distanciamento que ele mantinha dos filhos, dedicando-se, por sua vez, a outras ocupações. Assim, quando, em sonho, a criança que tem o rosto da filha lhe é entregue, e ele, embora sem habilidade, a acolhe e a leva para junto de si, esse movimento pode ser visto como a projeção de um desejo de poder fazer algo capaz de modificar a sua realidade. Há um desejo de poder modificar o destino, mas também esse retorno da imagem da criança evoca um sentimento de desolação e de culpa paterna por não ter percebido em que momento deveria ter feito e o que deveria ter feito para proteger a filha e evitar o ocorrido.

A imagem da filha bebê que reaparece no sonho de K. remonta, em certa medida, ao sonho apresentado por Freud em seu estudo intitulado *A interpretação dos sonhos*, em que o autor vincula “sua teoria dos sonhos e da realização do desejo à questão da realidade externa e, mais especificamente, à realidade da morte, da catástrofe e da perda” (CARUTH, 2000, p. 112). O sonho apresentado na teoria freudiana refere-se à história de um pai que velou dias e noites ao lado da cama de sua criança doente. Quando a criança morre, ele decide ir descansar num quarto próximo, deixando, contudo, a porta aberta para poder ver o quarto em que se encontra o corpo da criança, estendido, cercado de velas e sob os cuidados de um idoso a murmurar preces. Após algum tempo, o pai sonha com a criança ao lado de sua cama, segurando-o pelo braço e, de modo repreensivo, lhe diz: “Pai, você não está vendo que estou queimando?” (FREUD, 1970 *apud* CARUTH, 2000, p. 113). Assustado, ele acorda e corre até o quarto em que se encontrava o corpo; lá, vê o idoso

adormecido e se depara com um dos braços da pequena criança queimado em virtude de uma vela que caíra acesa sobre ela.

No sonho apresentado por Freud, a ilustração da criança que aparece para cobrar o pai por certos cuidados aponta para um pensar que vai além da questão do queimar físico do corpo; trata-se do descuido que precedeu à queima do braço, ou seja, é sobre o fato de o pai ter permitido a sua morte. Sonho esse que, para Cathy Caruth (2000), representa a relação do pai enquanto sujeito em seu despertar traumático vinculado à morte à qual ele sobreviveu. Para a autora, o sonho revela a angústia e o sofrimento do pai pela morte da filha, cujo trauma remonta à sua sobrevivência devido à impossibilidade de tê-la salvado, já que a morte da filha vai contra a ordem lógica da vida, em que a morte dos pais deve preceder a morte dos filhos, e não o contrário. Por isso, o sonho surge como uma postergação da realidade, é “o intervalo irremovível entre a realidade da morte e o desejo que não consegue superar, a não ser na ficção ou no sonho” (CARUTH, 2000, p. 115). Ou seja, embora o sonho remeta à terrível cena do queimar da criança, ele a apresenta viva, realizando, assim, “o desejo do pai de que sua criança estivesse ainda viva” (CARUTH, 2000, p. 114).

Nessa perspectiva, também em *K.*, a imagem da filha que aparece em sonho ao pai resume-se na representação do seu desejo de encontrá-la viva, como também remete a sua reação diante da realidade que se apresentava, principalmente, perante a sua responsabilidade de pai por não ter zelado por ela, assim como pela culpa por ter sobrevivido à filha, contrariando a ordem natural e aceitável da vida. O sonho vem para realizar um desejo, mas também surge como resposta para sua relação com a realidade externa. Essa imagem representa a responsabilidade sentida pelo protagonista em não ter percebido que a filha corria perigo de vida, e, portanto, o gesto de abrir os braços para recebê-la, em seu sonho, alude à proteção tardia em relação à vida da filha. É a projeção de um desejo que agora só pode se realizar no sonho. Diante disso, a dor da perda é ainda mais acentuada, pois o protagonista passa a se colocar na condição de responsável pela tragédia. Essa dor, conforme observado, é considerado um sentimento muito comum entre sobreviventes diante da perda de pessoas próximas em situações violentas, principalmente, quando motivadas por guerras, genocídios e ditaduras.

A questão da culpa do sobrevivente também é abordada em *Os visitantes*, principalmente no capítulo “O quarto visitante”, episódio em que se observa a reflexão que faz o autor a respeito do fato de ter descrito a desaparecida como uma mulher feia, na obra antecessora. Essa reflexão culposa surge a partir do apontamento trazido pela visita de um antigo amigo do narrador que vem justamente para contradizê-lo e exigir reparação em relação a essa atribuição adjetiva dada à

desaparecida. Seu argumento é baseado na justificativa de que ele conviveu por muito tempo com a irmã do narrador, e isso fora suficiente para saber que, além de inteligente, ela era uma mulher muito bonita. Diante dessa observação, o narrador se dá conta de que a adjetivação um tanto negativa feita pelo narrador de K. fora fruto de uma imagem criada pela própria mãe em relação à filha, e que, inconscientemente, foi absorvida pelo narrador. A menção ao fato de a filha ser desprovida de beleza refere-se à lembrança do dia em que Ana Rosa, ainda na adolescência, começa a usar óculos, e a mãe, ao vê-la pela primeira vez com os óculos, declara o quanto achara a menina feia.

Nessa perspectiva, em *Os visitantes*, o autor/ narrador reflete sobre a hipótese de que a irmã tenha passado sua infância e sua adolescência diante de uma mãe depressiva devido às perdas dos familiares durante a Segunda Guerra Mundial. Para ele, o fato de a mãe ter perdido “[a] família toda, os pais, os irmãos, tios, primos, os amigos de infância, as colegas de escola, os vizinhos, enfim, as pessoas que constituíam o seu mundo na Polônia” (KUCINSKI, 2016b, p. 28), no mesmo período em que estava grávida da filha, desencadeou nela um sentimento de culpa em relação à sua situação. Logo, a gravidez e o nascimento da filha ficaram associados ao extermínio, em que sentir alegria pelo nascimento estava diretamente atrelado ao sentimento de culpa por ter sobrevivido, ao passo que sua família não teve a mesma sorte.

Através da interação com esse visitante, infere-se que a situação da mãe, ao considerar a filha feia, representa a sua relação com o trauma da perda brutal de todos os seus familiares e amigos na Polônia. Ambas as narrativas apontam para a existência de um trauma familiar que migrou com a família ao Brasil e, mesmo que os pais nunca falassem sobre a guerra – “até porque ninguém queria falar de holocausto, era algo indizível” (KUCINSKI, 2016b, p. 29) –, essa carga emocional sufocada permaneceu para sempre como um fantasma vigilante a lembrá-los de que estão vivos e de que outros não estão mais. Assim, o fato de a mãe classificar a filha como feia pode ser entendido como uma reação inconsciente de limitar o prazer ou até mesmo de privar-se do prazer de estar viva e sentir alegria pela sua vida e pelo nascimento da filha. A reação da mãe pode ser interpretada à luz da expressão encontrada em Giorgio Agamben (2008, p. 95), “Vivo, portanto sou culpado”, numa demonstração inconsciente de culpa e de vergonha por estar viva.

Para Márcio Seligmann-Silva (2005), a noção do sentimento de culpa e de vergonha é uma característica que tem acompanhado a humanidade desde os tempos mais longínquos, pois “remonta a toda história da humanidade como uma história de barbárie, de recalçamento” (p. 75). Embora presente e se ramificando ao longo dos tempos, é no século XX, em especial, em decorrência das

experiências traumáticas ocasionadas por eventos bárbaros como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a Shoah e o extermínio de milhões de judeus, e as ditaduras no continente americano, que tais noções têm ganhado mais notoriedade, uma vez que podem ser observadas como características muito presentes entre aqueles que sobreviveram a essas barbáries. Por ser encontrado de maneira tão pulsante entre os testemunhos sobre os campos de concentração nazistas, Agamben (2008, p. 94) chegou a definir “o sentimento de culpa do sobrevivente” como o “*locus classicus*” da literatura do *Lager*.

A “síndrome do sobrevivente”, assim como foi definida ainda em 1967 no primeiro simpósio sobre problemas psíquicos observados em sobreviventes de situações extremas, como a Shoah, é vista por Seligmann-Silva (2005, p. 68) como

uma situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído.

Com base no exposto, várias são as marcas dessa problemática as quais podem ser identificadas em *K.*, mas não somente nela, uma vez que, em *Os visitantes*, essa síndrome parece conviver, de alguma maneira, com o próprio narrador. Em *K.*, a representação se dá através da menção ao silêncio familiar sobre o passado traumático, a atuação da mãe diante do nascimento da filha paralelamente à dizimação dos parentes na Polônia, o surgimento da depressão e do câncer também na mãe, assim como o afastamento do próprio pai da desaparecida, cuja narrativa insinua ter sido um sujeito distanciado afetivamente dos filhos, bastante dedicado ao trabalho e à literatura. Já em *Os visitantes*, a insinuação ao sentimento de culpa pela sobrevivência se deixa revelar, entre outros elementos, principalmente pela própria criação literária em torno do ocorrido, pois se trata de uma necessidade de denúncia e de testemunho da barbárie, mas também se configura numa espécie de remissão de culpa por também não ter feito nada que pudesse impedir o acontecimento.

Essa carga de culpa e de vergonha por estar vivo não só é percebida e sentida através das ações executadas pelos personagens, como também pode ser encontrada em alguns momentos de maneira bastante consciente, podendo ser observada inclusive através da reflexão articulada em torno da condição de sobrevivente. Essa reflexão é encontrada em *K.*, por exemplo, no capítulo “Sobreviventes, uma reflexão”, cuja voz reflexiva declara: “O sobrevivente só vive o presente por algum tempo; vencido o espanto de ter sobrevivido, superada a tarefa da retomada da vida normal, ressurgem com força inaudita os demônios do passado. Por que eu sobrevivi e eles não?” (KUCINSKI, 2016a, p. 154).

Nessa perspectiva, é possível observar que o discurso narrativo abandona por um momento o relato da trajetória do protagonista, suspende a saga e faz um movimento de formação de juízo em que é possível notar uma sutil troca na voz narrativa do relato. É como se a voz daquele narrador que conduzia o leitor pelos estreitos e sufocantes caminhos percorridos pelo pai à procura da filha desaparecida, agora, cedesse lugar à voz do próprio autor, do indivíduo Bernardo Kucinski. O autor consegue “fazer a leitura” do modo de agir dos pais, do silêncio em torno das tragédias do passado, da depressão da mãe, do fato de ela achar a filha feia, da dedicação aos negócios e à literatura iídiche do pai, mesmo após tanto tempo decorrido, afinal, “[é] comum esse transtorno tardio do sobrevivente, décadas depois dos fatos” (KUCINSKI, 2016a, p. 154). Assim, essa declaração pode ser direcionada aos pais como também pode insinuar que o próprio Bernardo Kucinski estaria confessando um sentimento culposo, que, no momento presente da enunciação, também ele experimentava décadas mais tarde, por não ter conseguido salvar a irmã:

A culpa. Sempre a culpa. A culpa de não ter percebido o medo em certo olhar. De ter agido de uma forma e não de outra. De não ter feito mais. A culpa de ter herdado sozinho os poucos bens do espólio dos pais, de ter ficado com os livros que eram do outro. De ter recebido a miserável indenização do governo, mesmo sem a ter pedido. No fundo a culpa de ter sobrevivido. (KUCINSKI, 2016a, p. 155)

Nota-se uma espécie de desabafo, o qual não poderia ter sido realizado por aquele narrador distante, que se anulava para evidenciar o velho pai e sua busca. Essas palavras saem como um longo e sufocado grito de dor e de revolta, carregadas de um lamento inconformado, e ilustram o alcance do poder articulado e hermético da violência ditatorial, que não só agiu na eliminação daqueles que se opunham ao seu sistema, como, ao ocultar, distorcer e silenciar acontecimentos e informações, transferiu a responsabilidade das perdas àqueles que sobreviveram: “Porque é óbvio que o esclarecimento dos sequestros e execuções [...] acabaria com a maior parte daquelas áreas sombrias que fazem crer que, se tivéssemos agido diferentemente do que agimos, a tragédia teria sido abortada” (KUCINSKI, 2016a, p. 156), conforme declara a voz narrativa. Declaração essa que pode ser entendida como uma crítica às décadas de silenciamento que se seguiram mesmo após o término oficial da Ditadura Militar brasileira, sem que os casos fossem esclarecidos e os verdadeiros culpados responsabilizados. Todavia, embora seja possível observar que esse relato tende a revelar um pensamento do próprio autor, devido a algumas sinalizações, em meio à narrativa, que podem ser inferidas à família Kucinski, o capítulo ainda pode ser visto como uma espécie de ensaio sobre culpa e sobrevivência, reflexões que tanto podem ser atribuídas ao papel do pai, quanto ao do irmão, mas também a qualquer indivíduo que estivesse diante de situação semelhante à narrada nessas

obras. Em verdade, o lirismo que perpassa esse capítulo evidencia a percepção do narrador de que as estratégias e os mecanismos utilizados pelo governo ditatorial submetiam os indivíduos a uma culpa interior, como se as desapareições e as mortes fossem concebidas como tragédias pessoais e não nacional, como de fato eram.

Diante da culpa por estar vivo e por não ter conseguido preservar a vida da filha, assim como perante a dificuldade de lidar com o trauma do seu desaparecimento, vai se observar em *K. Relato de uma busca* o surgimento de uma necessidade por parte do personagem que representa o pai de fazer algo capaz de expiar essa culpa, bem como para ajudá-lo na compreensão da realidade transbordante com a qual se deparou. É diante de toda a desolação das buscas sem respostas que o personagem K. se dá conta de que ainda lhe restava seu ofício de escritor e de que, através dele, ao criar personagens e imaginar enredos, poderia encontrar um meio de lidar com sua dor. “Decidiu que escreveria sua obra maior, única forma de romper com tudo o que antes escrevera, de se redimir por ter dado tanta atenção à literatura iídiche” (KUCINSKI, 2016a, p. 126), e não perceber que a filha poderia estar se envolvendo em situações perigosas. A decisão pela criação de uma obra que pudesse superar em todos os sentidos tudo o que até então já havia escrito seria algo sobre a vida e o acontecido com a filha, uma espécie de tributo a ela.

Para se pensar a questão da culpa, convém ainda fazer referência ao décimo segundo capítulo de *Os visitantes*, intitulado “*Post mortem*”, que encerra a obra. Tomado pela dificuldade de narrar, essa sessão é construída com base na transcrição de uma entrevista que o narrador acompanha na televisão. O entrevistado é um ex-delegado de polícia que, na época da ditadura, participou de um grupo de extermínio e que, na atualidade, resolveu confessar as atrocidades cometidas e o destino de vários desaparecidos políticos da época. A entrevista trata da revelação acerca da incineração do “casal da professora de química que está sendo muito falada e o marido” (KUCINSKI, 2016b, p. 79) citado pelo entrevistado. Todavia, além da revelação, o entrevistado acrescenta seu testemunho em relação ao fato de ter visto os corpos quando eram transportados em direção ao forno de incineração: “os dois estavam nus e sem perfuração de bala. [...] foram mortes por tortura. O da professora tinha marcas roxas de espancamento e outras marcas vermelhas, o do marido estava de unhas arrancadas” (KUCINSKI, 2016b, p. 80). Diante disso, o narrador é “tomado por um sentimento indizível” (KUCINSKI, 2016b, p. 77), de forma que não se sente capaz de escrever a respeito do que ouviu, nem é capaz de elaborar uma narrativa sobre esse episódio, utilizando-se de linguagem literária, assim como fez nos demais capítulos. Ele simplesmente opta por transcrever “na íntegra”, na obra, a entrevista.

O relato realizado em *Os visitantes* se ampara em elementos reconhecidos na realidade factual da história brasileira recente, tendo em vista que uma possível resposta ao paradeiro de Ana Rosa e de seu marido Wilson Silva surgiu em 2012 através da publicação de um livro organizado por dois jornalistas que continham o depoimento do ex-delegado do DOPS, Cláudio Guerra⁵, o qual apontou que o casal havia sido preso, torturado, morto e incinerado em um dos fornos da Usina Cambahyba. Assim sendo, embora seja de inclinação ficcional, o capítulo representa uma possibilidade de trazer uma resposta que há décadas era esperada: o paradeiro de Ana Rosa. Com isso, o narrador, ao dar voz ao entrevistado, aponta para a ideia da necessidade de que essa resposta esperada, “oficial”, venha também de um órgão oficial do governo. Apesar de não ser possível saber se a entrevista realmente aconteceu ou se ela foi apenas criada por Kucinski, o que se pode dizer é que, independentemente da sua veracidade total, parcial ou que tenha sido apenas fruto da imaginação do autor, ela é simbólica tanto no modo como se estrutura na narrativa, transcrita, como no conteúdo e no aspecto reflexivo que sugere. Ela representa o “encerramento” de um ciclo, encerramento esse que precisa partir do mesmo ponto de origem, ou seja, dos órgãos responsáveis pelo ocorrido. Contudo, deve ser um encerramento que não signifique esquecimento, pelo contrário, que seja capaz de revelar o que foi silenciado por muito tempo, responsabilizando os verdadeiros culpados e devolvendo dignidade às famílias dos desaparecidos, possibilitando-lhes o direito à memória dos seus entes.

Nesse sentido, poder-se-ia pensar, num primeiro momento, que o Estado estaria assumindo a culpa pelas atrocidades praticadas no passado, como forma de reparação pelos “erros” cometidos. No caso da obra de Kucinski, no entanto, deve-se avaliar essa questão por outros pontos de vista. Em primeiro lugar, uma vez que o narrador reproduziu a entrevista em que um ex-delegado assume que Ana Rosa e Wilson foram mortos pela ditadura, ele não estaria necessariamente finalizando esse capítulo de sua vida, dando a história como encerrada, pois os traumas e o sentimento de culpa permanecem vivos no presente, com mais ou menos intensidade. Aliás, se esses livros vieram a público algumas décadas depois do ocorrido, é porque ainda é urgente se falar sobre os traumas e as culpas do passado. Em segundo lugar, se Kucinski optou por dar voz a um representante do Estado, no capítulo final de sua obra, não foi para dizer que a ditadura se arrependeu do que fez e está disposta a assumir a responsabilidade pela violência cometida. Ao contrário, os torturadores e os apoiadores do regime falam abertamente porque estão cientes de que não serão culpados nem

⁵ Trata-se do livro *Memórias de uma guerra suja*, de Cláudio Guerra (em depoimento a Marcelo Netto e Rogério Medeiros).

responsabilizados pelo que fizeram. Se eles estão soltos por aí, ainda praticando crimes contra a democracia, é porque sabem que a justiça brasileira é falha, eles sabem que foram capazes de anestesiar a sociedade brasileira no sentido de que ela se esqueceu dos horrores do passado. Em terceiro lugar, considerando esses apontamentos, a intenção de Kucinski, talvez, não foi produzir uma catarse, mas uma contracatarse, de modo que os leitores reajam aos verdadeiros culpados, mas também que despertem empatia pelos mortos e pelos desaparecidos na ditadura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pensa que mais de meio século já se passou da Ditadura Militar instaurada em 1964 no Brasil e mais de três décadas do seu fim oficial, o ideal seria pensar que também esse triste período já tivesse sido superado; que o Estado já tivesse assumido sua responsabilidade perante a sociedade, tornando público e punindo os agentes culpados pelos graves ataques cometidos contra os direitos humanos naquele período; que às famílias das vítimas não lhes fosse negado o direito ao acesso à verdade sobre os acontecimentos que envolveram seus entes desaparecidos; que a memória desse tempo não fosse excludente nem comprometida com o lado vencedor da história e, sim, com a pluralidade dos pontos de vista, sem fazer com que determinadas vozes fossem silenciadas em detrimento de outras que têm se elevado; que as políticas educacionais estivessem comprometidas e engajadas num grande projeto educacional capaz de promover o pleno acesso à grande história do passado, não somente sobre aquela que se resume à história positivista do progresso, mas também aquela que foi encoberta pelos entulhos desse “progresso”, e, ao fazê-lo, possibilitar uma reflexão e um pensamento crítico que não permitissem que jamais qualquer sociedade fosse capaz de repetir ações semelhantes ou sequer se vangloriar por qualquer ato bárbaro cometido contra quem quer que fosse, como os que foram cometidos durante o período ditatorial.

Entretanto, como mencionado, esse seria o cenário ideal. Ideal, mas não real. Não real porque é ao estar diante de obras oriundas da ficção como *K. Relato de uma busca* e *Os visitantes* que essa percepção se faz ainda mais contundente. O fato de Kucinski trazer para a literatura, depois de tanto tempo transcorrido, a discussão do caso de desaparecimento acontecido durante a Ditadura Militar que envolveu sua família ilustra e comprova o quão distante se encontra a sociedade do objetivo de ideal, no que diz respeito às questões referentes a esse capítulo da história do Brasil. Em outras palavras, embora todo esse tempo tenha passado, a sociedade segue refém da negação dos fatos e do silenciamento. Refém de uma memória pretérita que cuidadosamente tem se organizado no sentido de mascarar e distorcer os eventos, assim como o modo de compreendê-los.

K. e *Os visitantes* comprovam essa afirmação na medida em que expõem a ferida aberta pelo trauma ocorrido devido ao sumiço de Ana Rosa durante o período militar, mas também o quanto esse trauma segue se repetindo e se renovando entre aqueles que perderam alguém e que não encontraram respostas capazes de dar algum sentido à dor vivida. O problema deixado por décadas sem solução na família Kucinski precisa ser ficcionalizado para que tanto a família como os amigos e a sociedade encontrem uma resposta plausível e um significado sobre o que pode ter acontecido com Ana Rosa, a irmã desaparecida do autor. As décadas de esquecimento que se seguiram aos anos de chumbo do Brasil não possibilitaram nem aos familiares nem à sociedade o livre acesso aos arquivos sobre aquele tempo sombrio. Isso, em relação à sociedade, gera alienação; já em relação àqueles que tiveram alguém próximo “desaparecido” e/ou morto, além de impedir a realização da justiça, segue perpetuando a dor da perda e do trauma, como uma imagem incompleta e desfocada que continua à espera dos elementos faltantes, das peças “perdidas” pertencentes ao quebra-cabeça do passado.

Desse modo, quando se observou que fora em meio a esse contexto que surgiu a publicação de *Os visitantes*, obra que não apenas dialogava com *K.*, como também apresentava uma nova versão para o fim do casal desaparecido, tornou-se impossível não refletir sobre a relação entre ambas as narrativas como uma significativa representação a respeito de um olhar para a história do passado que precisa estar sempre aberto a novas descobertas, a novos elementos que possam surgir. *Os visitantes* traz novas reflexões em relação aos assuntos tratados em *K.*, como as buscas, as negações do Estado, as percepções do velho pai diante de sua impotência em encontrar a filha, ou pelo menos o seu corpo, ou, por fim, saber como foi morta. Mas, sobretudo, o que fica claro é que *Os visitantes* têm como seu objetivo final expor uma “verdade”, ou pelo menos tornar pública uma versão mais aproximada possível da “verdade” sobre qual teria sido o paradeiro e o fim de Ana Rosa e de Wilson. Portanto, se a narrativa de *K.* inicia um trabalho de justificação para a família Kucinski, *Os visitantes*, a seu modo, dá sequência a essa tarefa na medida em que retoma a questão do destino do casal, considerando as declarações feitas por alguns dos agentes responsáveis pelos desaparecimentos da época – as quais, por tantas décadas, foram silenciadas – e que, no momento, estavam vindo a público. Versão essa que, como se procurou argumentar, não exime os torturadores nem os assassinos de sua culpa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

CARUTH, Cathy. Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória). In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 111-136.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GUERRA, Cláudio. **Memórias de uma guerra suja** (em depoimento a Marcelo Netto e Rogério Medeiros). Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.

KUCINSKI, Bernardo. **K. Relato de uma busca**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

KUCINSKI, Bernardo. **Os visitantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In: _____. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005. p. 63-80.